

O Instituto de Estudos Geográficos de Coimbra e as investigações sobre a Ria de Aveiro*

Fernando Rebelo

Departamento de Geografia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

"Por várias vezes, a acção combinada das ondas marinhas e dos ventos com as aluviões do rio deve ter mesmo chegado a obstruir completamente qualquer comunicação com o mar (....) Foi o que sucedeu no ano de 1575, em que um Inverno tempestuoso acompanhado de grandes inundações chegou a entulhar a barra, reduzindo uma grande parte dessa região à desolação e à miséria" (A. GIRÃO, 1922: 65).

1. Nas comemorações dos 200 anos da abertura da Barra de Aveiro parece-nos importante recordar o grande geógrafo português Amorim Girão, nascido em Fataunços, Vouzela, em 1895, bacharel pela Faculdade de Letras em 1916 e primeiro geógrafo a leccionar no Instituto de Estudos Geográficos. Doutorou-se pela Universidade de Coimbra, em 1922, na sequência da elaboração, apresentação e defesa de uma tese que intitulou *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*.

Embora só muito superficialmente se referisse à "construção do molhe sul da chamada *Barra Nova*, situada a 7 km de Aveiro", nesta sua tese contribuiu para o conhecimento dos processos que levaram ao fecho do cordão litoral, tornando necessária aquela construção, e alertou para o que agora poderemos denominar "risco de sedimentação", quando escreveu que "a ria está inevitavelmente condenada a desaparecer" e que "na mão do homem está apenas retardar esse fatal desenlace, com todo o seu cortejo de desastrosas consequências" (GIRÃO, 1922: 68).

Para fazer o estudo da evolução da Ria de Aveiro, Amorim Girão, na sua tese de 1922, baseando-se em documentos históricos, reconstituiu o antigo litoral do século XI, junto à foz do Vouga (p. 58). Alguns anos depois (GIRÃO, 1941), numa obra de grande divulgação, intitulada *Geografia de Portugal*, apresentou uma reconstituição diferente, passando por dois momentos - o litoral "junto da foz do Vouga na época proto-histórica" e o "desenho da ria de Aveiro em mapas antigos". Se, na tese, em 1922, tinha feito o contraponto entre o litoral do século XI e o litoral do

seu tempo numa mesma figura, neste livro, reeditado em 1949 e em 1960, às duas representações, proto-histórica e histórica, juntava uma terceira a que chamava "a configuração actual da Ria de Aveiro".

Licenciado em 1940, com a monumental tese *Esforço do Homem na Bacia do Mondego*, Alfredo Fernandes Martins já era assistente no Instituto de Estudos Geográficos quando publicou, em 1946, na *Biblos, Revista da Faculdade de Letras*, um artigo sobre "A configuração do litoral português no último quartel do século XIV". Tratava-se de aplicar critérios geográficos à análise de um mapa acabado de publicar e que ilustrava um trabalho de Joel Serrão relativo ao período 1383-1385. Fernandes Martins mostra conhecer alguns documentos cartográficos antigos, tal como o modo de os fazer, mas mostra também quais as metodologias do geógrafo. Assim, analisa vários pontos da nossa costa, antes de se debruçar sobre as formas litorais das proximidades de Aveiro. A sua reconstituição do litoral entre a foz do Douro e a foz do Mondego para o século XIV é bastante mais convincente do que a apresentada no mapa que discutia. No caso concreto da Ria de Aveiro é bem mais precisa do que a representação de Amorim Girão na *Geografia de Portugal*, feita como diz o Autor com base em mapas históricos.

Na *Geografia de Portugal*, Amorim Girão observou, portanto, alguns mapas antigos. Refere-se, por exemplo, ao de Petrus Vesconte (1318). Mas refere-se, igualmente, aos de Abraão Ortelius (1570). O seu gosto pela cartografia antiga veio a salientar-se, alguns anos mais tarde (FERREIRA *et al.*, 1957), quando parece ter dirigido a equipa que publicou um estudo sobre "O mais antigo mapa de Portugal (1561)", no *Boletim do Centro de Estudos Geográficos de Coimbra*. Como se pode ler a abrir a "Introdução" desse

* Texto lido na sessão Inaugural da Exposição Comemorativa dos 200 anos da Abertura da Barra de Aveiro, na Sala de São Pedro da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, no dia 21 de Maio de 2008.

trabalho, expressamente assinada por um dos autores, Alves Ferreira, "Fernando Álvares Seco é o autor do primeiro mapa impresso em Portugal, ou, para sermos mais precisos, do primeiro mapa que se conhece representando integralmente o nosso país". No trabalho dá-se uma explicação para escrever Álvares em vez de Álvaro, mas, no mapa de que o Centro de Estudos Geográficos então publicou muitos exemplares, o nome do Autor, em português, é mesmo Fernando Álvaro Secco, tal como a única data que nele se pode ler é, claramente, 1560, e não 1561. No que respeita à velha Ria de Aveiro, a representação cartográfica é, aqui, muito elucidativa - havia uma ampla abertura à latitude de Esgueira (Aveiro), embora, antes dela se encontrasse uma ilha um pouco maior do que outras existentes, para Norte e para Sul, no interior de uma forma lagunar já desenhada.

2. Após o falecimento de Amorim Girão, em Abril de 1960, Alfredo Fernandes Martins dirigiu muitas teses da recém criada Licenciatura em Geografia. Algumas relacionaram-se com "a impropriamente chamada Ria de Aveiro", como fazia questão de dizer. Preferia falar do "haff", ou seja, da laguna, aceitando que se lhe acrescentasse "delta" na medida em que os depósitos trazidos pelo Rio Vouga e por outros rios e ribeiras menos importantes da área iam assoreando o seu interior um pouco à semelhança da construção de um delta.

As teses eram todas da área da Geografia Humana e quando falavam mais da laguna era apenas para dar o quadro em que o homem se inseria, no presente e, às vezes, também no passado. Nesse aspecto, distinguiu-se a tese de Maria Helena Lucas Cabral de Almeida Avelãs Nunes, datada de 1967 e intitulada *Aveiro, a Laguna e o Porto*, que, como pode ler-se na *Bibliografia Geográfica de Portugal*, segundo volume (1947-1974), faz o "enquadramento físico do porto de Aveiro (a laguna)" e, depois, "trata da origem e do desenvolvimento da cidade", bem como da "evolução das actividades piscatórias, da extracção do sal e do comércio marítimo". Outras teses, como as de Maria do Céu Ferreira da Cruz (1969), sobre a *Indústria do Sal Aveirense*, de Maria Regina Fortunato (1970), sobre a *Indústria da Pasta para Papel e Papel em Cacia*, ou de Maria Teresa Nifo Viana de Lemos (1972), sobre *A Orizicultura no Baixo Vouga*, em termos de Geografia Física, limitaram-se ao estritamente necessário para a apresentação da área de trabalho. No entanto, todas estas teses tiveram de utilizar cartografia e, ao fazê-lo, mostraram características físicas da laguna.

Ainda nos anos 70, foi a minha vez de trabalhar na área da Ria de Aveiro. Os temporais de Fevereiro

de 1978 estiveram na base de várias deslocações a todo o litoral entre Espinho e Nazaré. Os estragos causados pelas águas do mar entre Costa Nova e Vagueira foram de tal ordem que se revelou necessário aprofundar o estudo. E isso nota-se bem no artigo então publicado em Lisboa, na revista *Finisterra* desse ano (REBELO, 1978). No ano seguinte, ao colaborar na escrita de um pequeno livro sobre *Aveiro e sua Região* (REBELO e QUARESMA, 1979), voltei a falar desta que então considerei e continuo a considerar "uma das mais belas formas litorais da Península Ibérica". Dei dela uma explicação muito rápida, tal como muito rapidamente salientei o resultado dos grandes problemas que o seu fecho completo acarretou - a diminuição do número de habitantes de Aveiro de 14000 para 3500 em pouco mais de 200 anos (de inícios do séc. XVI a meados do séc. XVIII).

Passou muito tempo. De repente, a partir de uma conferência que fiz em Aveiro (7 de Março de 2007), surgiu uma entrevista num jornal da cidade (*Diário de Aveiro* de 2 de Abril), que despoletou outra numa emissora de rádio (TSF, 21 de Abril) e que me levou a escrever um artigo. Assim, na revista *Territorium*, da Associação Portuguesa de Riscos (nº14, 2007), surgiu o inevitável artigo sobre o risco de sedimentação na laguna de Aveiro. Poderá considerar-se que ele corresponde à leitura actual de um dos capítulos da tese de doutoramento de Amorim Girão (1922). Vários momentos da evolução da Ria até se tornar Laguna são interpretados através das mais importantes mudanças climáticas conhecidas desde o período frio do Wurm até hoje. A previsão do desaparecimento da Laguna é fortalecida agora com o acelerar dos processos naturais pela intervenção do homem. E como escreveu Amorim Girão em 1922, "na mão do homem está apenas retardar esse fatal desenlace".

3. A exposição comemorativa dos 200 anos da abertura da Barra de Aveiro veio ao encontro do Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras. Aproveitando a belíssima colecção do Professor Doutor Carlos Alberto Nabais Conde, já conhecida dos geógrafos de Coimbra (CAMPAR et al., 2003), para acompanhar esta exposição, o Director do Instituto, Professor Doutor Lúcio Cunha achou por bem seleccionar alguns mapas dos séculos XVII e XVIII, que podem ajudar na compreensão do que ia acontecendo com o evoluir desta forma litoral.

Vejamos, rapidamente, o que cada um destes mapas tem para nos dizer sobre o tema em causa.

Aparentemente pouco fiável, em função dos erros de longitude e de esquecimentos imperdoáveis, como o facto de nem sequer representar o Rio Mondego, apesar de não esquecer o que chama a costa do

Mondego (Mira, Tocha, Quiaíes) e o Cabo Mondego, o mapa de Robert Dudley, publicado em Florença em 1661, mostra muito bem um litoral de rias em fase de claro assoreamento. Trata-se de um mapa da costa com indicações muito precisas sobre o que restava da Ria de Vila do Conde, no tramo final do Rio Ave, da Ria do Porto, no tramo final do Rio Douro, indo mesmo para montante de Vila Nova de Gaia, e da Ria de Aveiro, penetrando pelos tramos finais do Rio Vouga e do seu afluente Águeda, aqui, com um desenho que inclui a actual Pateira de Fermentelos. O que impressiona nesta representação da Ria de Aveiro é a existência de um cordão litoral avançando decididamente para Sul e de poucas ilhas no canal, ainda largo, de uma verdadeira Ria. Ao mesmo tempo, o Autor dá uma ideia de que as coisas estão a mudar - através de ponteados e de indicações numéricas de profundidades conclui-se que o entulhamento está iminente e que até o fecho da barra pode ocorrer com facilidade.

O mapa de Portugal e Algarve, de Gaspar Bouttats, publicado em Viena, cerca de 1670, já mostra um cordão litoral bem desenvolvido em frente a Aveiro, com a Barra, embora larga, francamente deslocada para Sul. 110 anos depois do mapa de Portugal de de Álvaro Seco, em termos geográficos, é provável que isso tenha acontecido.

Um outro mapa da costa portuguesa do Centro e do Norte, assinado por Jacob Theunisz e publicado em Amsterdão, com data de 1676, mostra o que restava então da Ria de Viana do Castelo, no tramo final do Rio Lima, e do pouco que restava ainda da Ria do Mondego, onde já existia uma grande ilha que veio a estender-se mais e a dar o que é hoje a ilha da Morracheira. No caso da Ria de Aveiro, torna-se claro o que, 15 anos antes, o mapa de Robert Dudley anunciava - um canal estreito como que meandrizava no meio dos materiais entretanto acumulados e a saída para o Oceano aparece muito estreita. Fica mesmo a dúvida sobre se estaria em condições de permitir a passagem de barcos. A escala do mapa não autoriza tirar conclusões.

No entanto, um outro mapa, o da "Província da Beira", assinado por João Silvério Carpinetti Lisbonense, de 1762, correspondendo a tempos que hoje se sabe terem sido muito frios em comparação com os dos dois séculos anteriores, mostra ilhas mais desenvolvidas, significando recuo do mar e muita acumula-

ção na laguna (REBELO, 2007). Estranhamente, representa uma barra à latitude de Aveiro.

Três dezenas de anos depois, datado de 1794, o mapa do Reino de Portugal publicado em Roma, com a assinatura de Giovanni Maria Cassini, permite defender a ideia de forte entulhamento da laguna, mas mantém a existência de uma barra aberta à latitude de Aveiro, parecendo, todavia, representar aí dois ilhotes, que não poderiam deixar de ser de areia e que dificultariam ou impediriam a navegação.

Estava-se no final do século XVIII e era absolutamente necessário abrir uma *Barra Nova*. E assim se fez em 1808, com a obra que esta exposição evoca.

Referências bibliográficas

- CAMPAR, António; GAMA, António; CRAVIDÃO, Fernanda Delgado; CUNHA, Lúcio e JACINTO, Rui (2003) - *Olhar o Mundo, Ler o Território. Uma Viagem pelos Mapas (Coleção Nabais Conde)*. Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos e Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 11-15.
- Bibliografia Geográfica de Portugal*. Segundo Volume, 1947-1974. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1982, 427 p.
- FERREIRA, Alves; MORAIS, Custódio de; SILVEIRA, Joaquim da e GIRÃO, Amorim (1957) - *O mais antigo mapa de Portugal (1561)*. Coimbra, Separata do Boletim do Centro de Estudos Geográficos, 100 p. + 1 mapa extra texto
- GIRÃO, Aristides de Amorim (1922) - *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 190 p.
- GIRÃO, A. de Amorim (1941) - *Geografia de Portugal*. Porto, Portucalense Editora. (2ª edição, 1949; 3ª edição, 1960).
- MARTINS, Alfredo Fernandes (1946) - "A configuração do litoral português no último quartel do século XIV. Apostila a um mapa". *Biblos*, Coimbra, 22, p. 163-197.
- REBELO, Fernando (1978) - "Os temporais de 25/26 de Fevereiro de 1978 no Centro de Portugal". *Finisterra*, Lisboa, 13 (26), p. 244-253.
- REBELO, Fernando (2007) - "O risco de sedimentação na laguna de Aveiro. Leitura actual de um texto de Amorim Girão (1922)". *Territorium*, Lousã, 14, p. 63-69.
- REBELO, Fernando e Quaresma, Ângela (1979) - *Aveiro e sua Região*. Coimbra, Comissão Municipal de Turismo de Aveiro e Epatur, 125 p.